



Diferenças linguísticas e solidariedade existem

Aterrissara em Portugal e precisava de uma informação quanto ao voo para a França. Dirigi-me a uma moça com um belo foulard no pescoço, muitíssimo bem maquiada, sentada atrás de um balcão de informações, e iniciei minha aproximação. — Por favor, eu queria uma informação! Ela, sem titubear, devolveu-me a pergunta: — Querias?! Por quê?! Não queres mais?!

No lapso de tempo de um relâmpago, desses onde a fusa e a semi-fusa se encontram e já se despedem antes mesmo de se cumprimentarem, eu pensei... um vinho! Preciso de um vinho! Tragam-me um vinho do Alentejo! Ou um pastel! Português! Pode ser até chinês! Um gelato italiano! Qualquer coisa! Eu preciso mudar o foco! Olhei para a direita, para a esquerda, verifiquei se não havia alguém atrás de mim, não, não havia. Inspirei profundamente e voltei a falar com ela, pausadamente: — Senhora, por favor, eu queero uma informação! — Ah, pois bem senhora, em que posso ajudar?

Horas depois eu estava em Paris, iria me encontrar com minha irmã no Hotel Madeleine. Estávamos a passeio, mas eu carregava 17 quilos de livros na mala. Soube de última hora que teria de provar dentro de 15 dias, no Conservatório Brasileiro de Música, minha hipótese de que a musicoterapia era eficaz na prevenção e no tratamento de indivíduos com estresse! Com exceção, é claro, do meu estresse, passeando de dia, estudando de madrugada, e tentando dizer à camareira, com o meu francês miserável, que eu estava comendo aquele desatino, absurdité, aquela déraison: estudar em Paris! E lá fui eu para a biblioteca do Georges Pompidou pesquisar sobre: estresse!

Será que a arte ainda impressio-



na? Atrai, dialoga, estimula, desafia, instiga, troca ideias de lugar, faz questionar, perceber, é lida, vista, ouvida, sentida, modifica ou é modificada pelas pessoas? Com a tecnologia, modificaram Van Gogh, puseram-no em movimento!... Essas ondas mágicas me conduzem a um cenário lúdico... Ali estão os amarelos fazendo a curva para a esquerda, enquanto os azuis prateados rodeiam

os verdes como um rio plácido, que flui no meio de dourados alaranjados dançando em direção ao mar...

Caro(a) leitor(a), presenteio-o(a) com pincéis, tintas e uma grande tela em branco! Deixe-se levar pelo impulso, intuição, sensação, pelo movimento das mãos, pela magia das cores e... pinte um quadro! Irá ver que os pincéis sabem por onde ir, falam por si, o(a) conduzirão a uma viagem

sensorial de inestimável valor, independentemente do resultado final. Ah! As cores! Alentos para noss'alma! De vinhos fortes a tons pastéis!

Bem, mas os músicos irão começar a tocar em poucos minutos na Sainte-Chapelle. Não podemos nos atrasar! Vamos até lá?

Entramos, eu e minha irmã, plateia a postos, deu-se o início do concerto, quarteto de cordas! Eis que, de repente, eles param. O violoncelista se levanta, pede licença, vai à coxia, demora um pouco e volta. Recomeçam. Minutos depois, param de novo. O violoncelista se levanta e vai, desta vez, com todos os músicos para a coxia. Ninguém sabe o que se passa. O público se entreolha e não se atreve a estalar um dedo sequer.

Após exatos 10 minutos, os músicos retornam e recomeçam a tocar. Mas, após duas frases melódicas, o susto! O violoncelista joga os óculos no chão, com raiva, e grita: — Não dá mais! E se vira para a plateia: — Eu sinto muito, mas não haverá concerto hoje. Passem na bilheteria e peguem o dinheiro de volta! Eu quebrei meus óculos e não consigo ler com eles, então não haverá concerto! Olhos se arregalam, bocas se retorcem... até que uma moça na plateia corajosamente diz: — Se o senhor concordar, iremos pedir ao público que empreste todos os óculos para o senhor testar e ver se, com algum deles, o senhor consegue ler.

Que gesto bonito de solidariedade! Em poucos segundos, não cabem mais óculos na mão da moça. O músico se emociona. E nossa alma pôde, enfim, dançar ao som do quarteto... como as cores... de Van Gogh. Quanto à hipótese? Fui aprovada!

Isabella Campos da Paz é musicoterapeuta e professora de canto